

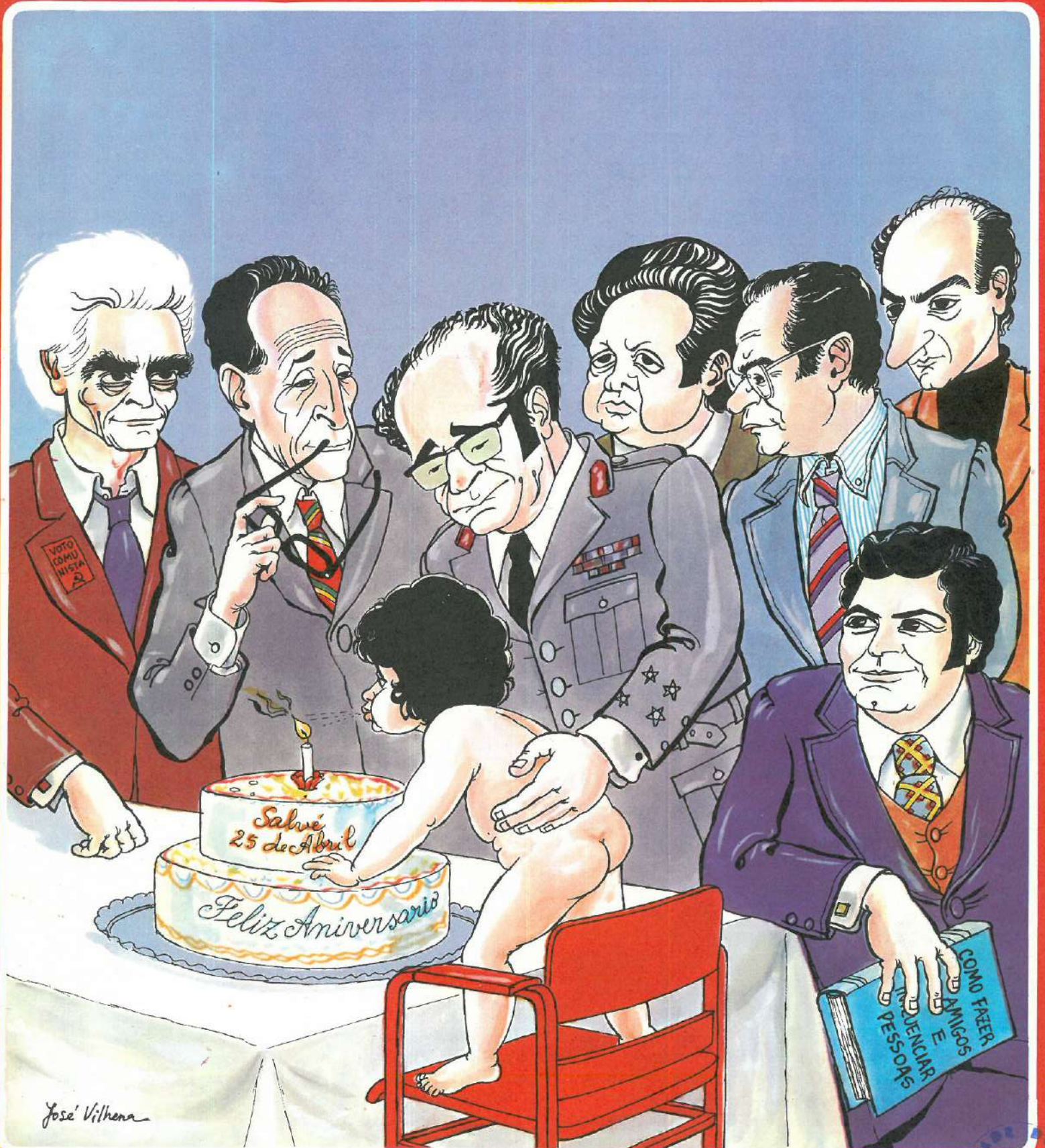
GAIOLA ABERTA

REVISTA QUINZENAL DE MAU HUMOR E MAL-DIZER

16

25 de Abril de 1975

15\$00



A REVOLUÇÃO FAZ UM ANO!

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE ABRIL



Carta aberta

AOS SENHORES ELEITORES

É perfeitamente compreensível a vossa perplexidade perante as sérias opções que vos oferecem os doze partidos políticos lançados à conquista do poder. Todos eles (escusado será dizê-lo...) democráticos, anti-monopolistas e indefectivamente voltados para o social e para o primado do trabalhador sobre o patrão — o que mais avoluma ainda a dificuldade da escolha.

Claro que a GAIOLA ABERTA gostaria de tomar posição sobre o assunto e recomendar-vos um ou dois partidos catitas em que poderíeis votar sem receio de estardes a ser enganados. Informação e politização suficientes para o fazer, felizmente não nos faltam.

O «tratamento não discriminatório às diversas candidaturas» — a que obrigam as normas em vigor para a imprensa durante o período da campanha — impede-nos porém de assumir essa função crítica. O que bastante nos contraria, como se calcula, pois a acção esclarecedora e dinamizadora que poderíamos desenvolver junto de vós fica, desta forma, bastante diminuída.

Objectar-me eis talvez que a informação partidária e a divulgação do respectivo ideário têm sido de tal modo prolixos, que bem se dispensa a contribuição da GAIOLA ABERTA na politização das massas... É possível que sim — não queremos ser desmancha-prazeres — mas de facto não estamos assim optimistas quanto ao nível e à qualidade dos conhecimentos que por essa via adquiristes.

Porque é muito bonito dizer, relativamente à ementa partidária: se você é da direita, vote num partido da direita; se é do centro, vote num do centro; se é da esquerda ou da extrema-esquerda, escolha entre os que estão fichados nesses quadrantes... Era uma espécie de self-service pró-eleitoral que de facto serviria bem o cliente, se as coisas tivessem evoluído normalmente; ou seja, como é costume evoluírem noutros pontos do Globo em véspera de eleições. Mas não evoluíram...

O que entre nós se passou foi este curioso fenómeno: enquanto todo o país — tradicionalmente amarrado à direita — deslizou, alegre e celeremente, para a esquerda, os (propriamente ditos) partidos políticos foram projectados em sentido contrário, ou seja para a direita.

De tal forma que um P. D. C. e um C. D. S., nascidos no centro, foram empurrados para a extrema-direita; um P. P. D., que pretendia representar uma esquerda moderada, transformou-se numa direita (mal) tolerada; um P. S., marxista e revolucionário, ocupa agora o centro da nossa paisagem política, acusado de reaccionário, imperialista e monopolista; e o próprio P. C. (Deus nos acuda!...), ponta de lança do poder operário e bandeira das revoluções socialistas, é pura e simplesmente acusado de contra-revolucionário, revisionista, fascista, fura-greves, traidor ao povo e defensor do *stato quo* burguês e capitalista... E não se julgue que as contestações e retaliações acabam aqui, pois, na extrema-

-esquerda, a luta é ainda mais feroz e cada partido acusa os outros das acções mais pérfidas e das intenções mais capciosas, ignóbeis e aleivosas.

A título exemplificativo e segundo a opinião, publicamente expressa, do militante da U. D. P., Acácio Barreiros(1), o Partido Comunista não seria senão «o inimigo burguês enviado para o meio do povo a sabotar a revolução», e o M. D. P./C. D. E. a mesmíssima e revisioníssima coisa. «Tal pai tal filho», no dizer textual do vigoroso orador.

No que respeita ao M. E. S. — continua o camarada Acácio — não sabe o que quer, «mudando de aliados como quem muda de camisa»; a A. O. C. «só na aparência é revolucionária»; e o M. R. P. P. «o melhor argumento de que a burguesia se serve para denegrir os revolucionários». Quanto ao P. U. P., «reconhecê-lo como partido é só por si um insulto à classe operária»; e a F. E. C. (m-l) qualquer coisa indefinida, que pode ser tudo o que se quiser «menos frente e comunista».

«A única plataforma correcta da democracia popular» (e logicamente o único voto plausível, na opinião do fogoso líder) é portanto a U. D. P. (...) que, ou consegue esmagar a burguesia, ou é esmagada por ela. Trágica alternativa, venhamos...

Este conselho do camarada Acácio não é, evidentemente, o mesmo que vos darão os dirigentes políticos dos restantes partidos. Na sua maior parte (e aliás sem grandes desvios de linguagem) tratarão de recambiar estas e outras terríveis acusações e diatribes para os seus rivais, auto-considerando-se, por seu turno, a «única plataforma» viável para liquidar a burguesia, o capital, o imperialismo e todas as formas de exploração e canibalismo.

Plataformas não faltam, portanto, para abastecer o mercado eleitoral; há é que ter dons oraculares para fazer a melindrosa escolha, sem errar escandalosamente.

Participando na campanha informativa — dentro das limitações impostas pelas regras em vigor — a GAIOLA ABERTA vai procurar habilitar-vos com alguns dados úteis para essa escolha, relativamente às formações partidárias que vão disputar-vos o voto.

A fim de melhor sermos entendidos, adoptaremos uma terminologia diferente da que vem sendo usada pelas habituais vias de informação e comunicação social, (e em que o pagode não mete dente), uma vez que todos os concorrentes às bancadas da Assembleia se dizem democratas de antes do 25 de Abril e intransigentes defensores dos direitos do trabalhador e da independência nacional, como já vos foi explicado no começo desta carta.

Após a desistência duns 60 ou 70 partidos e excluídos que foram a A. N. P., o P. D. C., o M. R. P. P. e a A. O. C., ficaram em campo os 12 que em seguida vamos alinhar, por ordem, não propriamente alfabética, acompanhados das singe-

(1) Comício no Pavilhão dos Desportos de Lisboa de 28 de Março de 1975

las palavras de apresentação, que esperamos concorram para vos esclarecer o espírito perturbado pelos excessos da propaganda.

C. D. S. — «O voto que apetece», segundo o conhecido slogan, é também o «voto da nostalgia», oferecido a todos os que não esqueceram as glórias passadas e continuam apostados em que o país constitua a reserva moral e espiritual do Ocidente. Deus os (não) oiça.

P. P. D. — A promessa duma social-democracia do tipo nórdico, abundante de liberdades e bens de consumo. Não sabemos bem se com porno-shops, mas seguramente sem suecas e sem o bago que há por lá a pontapé.

P. S. P. — Um socialismo marxista, atento, respeitador e obrigado. Situado no centro geográfico da política portuguesa é a opção natural dos que pensam que no meio está a virtude. E não são poucos...

P. C. P. — O prato forte da ementa eleitoral. Uma espécie de cosido à portuguesa, com todos, servido em abundância e temperado ao paladar das massas mais ou menos proletárias. Ou nos enganamos muito ou vai ter saída.

M. D. P./C. D. E. — O mesmo número de calorias e valor alimentar, mas em prato de dieta.

F. S. P. — Em pleno campo das opções marxistas (fundamentalmente entre o P. S. e o P. C.), há quem hesite e considere a hipótese de nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Pelo que, talvez ao Serra. É uma hipótese...

P. P. M. — Monárquicos dispostos a fazer a República, aristocratas empenhados numa sociedade sem classes, anarco-sebastianistas apostados no socialismo e na ordem democrática... O fait divers da campanha...

M. E. S. — Também conhecido pelo MAS, devido ao seu eclectismo e à prática da dúvida sistemática. Considerado, em meios geralmente bem informados, como o «partido dos intelectuais contra os próprios intelectuais», ficou liberto desse paradoxo, altamente desmobilizador, quando os intelectuais abandonaram em massa o partido.

L. C. I. — O partido trotskista e estrénuo defensor das greves, do ordenado mínimo mensal de 6 contos e da diminuição do tempo de trabalho. Programa aliciante, e que não deixará de ter os seus adeptos... até porque parece não haver nada a perder...

F. E. C. (m-1) — Pelo próprio nome que ostenta, a Frente Eleitoral de Comunistas, marxistas-leninistas é já um programa de acção que dispensa comentários e explicação. Isto, evidentemente, se se confirmar que é mesmo uma Frente e que os seus aderentes são Comunistas, de facto, como há quem ponha em dúvida. Aqui na casa não há informações desabonatórias, mas temos de dizer, honestamente, que ignoramos se, por detrás da Frente, existe alguma Rectaguarda. Questão não dispicienda, note-se.

P. U. P. — Há também o P. U. P., pois claro. Quando o sol nasce é para todos e não seremos nós a dar o mau exemplo dos tratamentos discriminatórios. Até porque, se ignorássemos este partido, começavam logo a inventar bocas de que éramos anti-PUP, o que de forma alguma corresponde à verdade. Há, portanto, o P. U. P.

U. D. P. — E finalmente a U. D. P. — a tal da «única plataforma», se bem estais lembrados. Partido das posições radicais, das grandes afirmações (e dos grandes emblemas de lapela) pertence-lhe esta histórica frase que bem define o seu estilo e a sua forma de estar no panorama político português: «À nossa esquerda não existe nada; para além da U. D. P., tudo é direita».

E pronto. Desejamos que esta achega tenha concorrido para dissipar as vossas dúvidas e estejais agora mais aptos a escolher um bom partido e a votar com propriedade. E contra a propriedade, penso eu.

Em quem é que eu voto?

Bem... a falar verdade já sei e já decidi para onde vai o meu voto. Como porém não quero infringir a ética e influir na vossa liberdade de escolha, nem indirectamente, só divulgarei o nome desse partido depois do acto eleitoral. Se ele ganhar, claro está.

E é tudo.

Deseja-vos uma boa Constituinte
José Vilhena



TEMAS CIENTÍFICOS

ECOLOGIA



A **ECOLOGIA** é uma ciência muito importante e actual que estuda e investiga as relações dos seres vivos com o meio ambiente e a influência que este exerce sobre as espécies animais e vegetais.

A **ECOLOGIA HUMANA** é o ramo mais complexo desta ciência, pois, para além das adaptações puramente biológicas, comuns às espécies animais e vegetais, abrange sempre valores muito mais vastos, de natureza política e cultural, por exemplo... Sempre ou quase sempre, pois quando os investigadores deste ramo ecológico vão investigar lá para o interior do Minho, de Trás-os-Montes ou das Beiras, encontram vestígios tão escassos desses valores, que, ao fim e ao cabo, os embrutecidos, despolitizados e incultos hominídeos que habitam essas regiões, em pouco se distinguem das cenouras e das couves ou dos lanígeros rebanhos que tranquilamente retoçam nas bucólicas paisagens. Tudo isto por culpa da reacção e do fascismo, já se vê, que durante séculos os mantiveram afastados da cultura e da política para melhor poderem sugá-los até ao tutano.

O desenvolvimento industrial, a radioactividade, a poluição da paisagem, da água que bebemos ou do ar que respiramos, e todas as intocáveis esterqueiras que ameaçam o nosso futuro, transformam a **ECOLOGIA** numa ciência política de transcendente actualidade, pois não restam dúvidas de que todos esses males derivam da sociedade capitalista em que temos vivido e da desregrada proliferação dos produtos supérfluos e alienatórios com que os reações nos atafalhavam.

A via solcialista (e a inevitável batatada no burguês que quer empanzinar-se de bens de consumo, sem qualquer respeito pela harmonia ecológica) aparecem assim como a única maneira de evitar o nosso

Exemplar ecológico
assinalado na Praça da Alegria,
em Lisboa

apodrecimento colectivo, intoxicados pelos escapes dos Mercedes e atolados em latas, plásticos, resíduos fabris e outras bagunças no género.

Entre os diversos capítulos desta ciência, a **ECOLOGIA FEMININA** é dos mais cativantes e dos que mais tem despertado a atenção de investigadores, estudiosos, mirões e connaisseurs, particularmente quando o material observado diz respeito a regiões evoluídas do litoral e a estratos económicos elevados.

De facto, nessas zonas, e à medida que se caminha para ambientes e sociedades mais sofisticados, a qualidade da chicha, em geral, e do seu estado ecológico, em particular, vai melhorando a olhos vistos, o que não é fácil de explicar. Trata-se mesmo dum fenómeno estranho e de grande interesse científico, não só porque a matéria prima (biologicamente falando) é idêntica em Cascais, em Faveiros ou no Sabugal, mas sobretudo porque os melhores exemplos ecológicos existem precisamente nas zonas mais poluídas e saturadas de produtos tóxicos e supérfluos.

A mãe natureza está porém cheia de fenómenos que não é fácil interpretar positivamente, tais como o que ilustra esta página e cuja ecológica imagem a **GAIOLA ABERTA** gostosamente reproduz no seu permanente afã de manter o leitor informado sobre as ciências humanas e o seu desenvolvimento.

Agora é que mais se fala. Na televisão não há cão nem gato que não encha a boca com a ecologia, mas eu cá por estes lados não vejo nada que jeito tenha, palavra de honra... Ecológicamente falando, claro... Porque eu, de ecologia, conheço o da minha patroa e viva o velho, mas não passa dum arremedo. Por aqui é tudo muito fanado... Agora, onde eu vi material de luxo foi em Lisboa, quando por lá passei a caminho de Fátima... Caro mas bom, porra; não é esta merda que a gente tipa aí pelos campos... Ecológicamente falando, claro...





À ESPERA DAS ELEIÇÕES

— Pois é como te digo, ó Tomaz: as coisas estão a ficar beras e a nossa cotação baixa de dia para dia. Vê lá tu que o sacana do porteiro do meu prédio já me trata por «seu Marcelo» e, quando passo pelo gajo, nem o cu levanta da cadeira, o grandessíssimojardo...

— Era de esperar... Não sabes dar-te ao respeito, se calhar não caís com nenhum... Cortas-te nas gorjas...

— Gorjas?!... Era o que mais faltava! Nunca precisei de comprar os favores alheios para ser tratado com as atenções que mereço. As manifestações e homenagens que até hoje me fizeram, foram sempre desinteressadas e espontâneas, bolas!...

— É preciso ter lata...

— Claro que foram! As multidões andavam dezenas e centenas de quilómetros, de comboio e de camioneta só para me ver e aplaudir...

— Com as passagens e as almoçadas pagas...

— Isso eram bocas dos meus inimigos, pá; eram miseráveis intrigalhados dos comunistas. Fica sabendo que das minhas algibeiras nunca saiu um tostão para pagar viagens ou comensinas, fosse a quem fosse.

— Pudera!... Com a tua proverbial forreite nem outra coisa era de esperar. Quem pagava tudo isso e o resto era o povo...

— E para o povo revertiam as vantagens, ora essa!... Era uma forma de investimento como qualquer outra, não te ponhas agora com merdas... Até porque estás com o pé metido na argola tanto ou mais do que eu...

— Bah...

— Aliás sempre assim foi. Já no tempo do Nero, quando era necessário organizar orgias públicas ou manifestações espontâneas, pagavam-se. E não me consta que as croas saíssem da bolsa do Imperador ou da sua conta bancária. Quem andava com as massas era o pagode.

— Lá beu-beu não te falta, filho, mas isto agora é outra música. Ou fazes pela vidinha ou estás arrumado...

— Um líder como eu não desce a comprar os aplausos da multidão e muito menos os cumprimentos do porteiro, porra!...

— É lá contigo... O que te posso garantir é que a mim não me chamam «seu Tomaz», pelo menos nas minhas trombas. Sempre que passo pela portaria do hotel, o pessoal perfila-se, faz-me uma grande reverência e trata-me por «Excelência» ou «Venerando Presidente».

Ouvi dizer que também arrecadaste umas massarocas...

Estava a começar o pé de meia quando rebentou o 25 de Abril.

DIÁLOGOS PRESIDENCIALISTAS

— Olha que admiração!... Se eu tivesse as tuas massas e pudesse viver num hotel «cinco estrelas» e untar as mãos à moleçagem, também o pessoal de desbarretava diante de mim... De resto, enquanto julgavam que eu nadava em dinheiro, tratavam-me também por «Excelência» e «Professor»... Depois, passei a «doutor», que é o que eles chamam a qualquer bardamerda, e agora já vou em seu Marcelo...

— Dás cúnfia a toda a malta...

— Qual cúnfia!... O que eles viram é que eu sou um tesó e preciso trabalhar para comer... Não me admira nada que qualquer dia comecem a chamar-me «negro» ou «caipira».

— Também tens a mania de armar em vítima, pá; vês tudo pelo lado trágico... Quem te ouvisse falar até pensava que passas dificuldades.

— E passo, porra! Trabalho no duro e só eu sei o que preciso de esfolar para comer a feijoada... Com esta caloraça, com estes alarves a querer aproveitar-se da situação e com a merda do cruzeiro constantemente a desvalorizar-se, ando sempre à rasca. Um tipo, aqui, com o que ganha pela manhã, nunca sabe o que pode comprar à tarde...

— Fizesses como eu que tratei de acautelar o futuro enquanto durou o tempo das vacas gordas. Agora, quando preciso de bago, mando vir um pacote de dólares da Suíça e estou-me cagando para a desvalorização do cruzeiro.

— Nem todos tiveram a tua sorte...

— Sorte, o tanas! Usei mas foi a cabeçinha e nunca dei ponto sem nó... Quando me cheirava a cacau arremetia logo...

— Pois, pois... E enquanto tu empochavas à grande, sacrificava-me eu pela pátria a fazer decretos, a aprovar aquelas chachadas dos planos de fomento, a presidir aos conselhos de ministros até às tantas da madrugada...

— Aos conselhos copofónicos queres tu dizer... Segundo constava, vocês saiam de lá todos a cair de bêbados e a cantar o Avé...

— Também não exageres, ó Tomaz... Só o Sanches, o César e mais três ou quatro é que se metiam nos púcaros. Eu e o Baltasar, por exemplo, bebíamos água mineral...

— Era voz corrente...

— Mas era mentira! E não te esqueças do trabalho que tive a transformar a União Nacional na ANP e a PIDE na DGS, a escrever as conversas em família...

— Uma boa merda êssas conversas, diga-se de passagem. Nunca consegui levar nenhuma até ao fim sem ferrar o galho... Conseguias ser mais chato que um eczema.

— Na peida!.. Havia muita gente que gostava e se a tua abóbora não dá para mais a culpa não é minha. Mas o que importa para o caso é que te encheste de bago, sem saber ler nem escrever, enquanto eu fiquei a apitar...

— Não é isso que consta. Ouvi dizer que também arrecadaste umas boas maçarocas.

— Estava a começar o pé de meia quando rebentou o 25 de Abril; o meu galo foi esse... Ao passo que tu, meu sacana, pudeste mamar na cornucópia durante dezassete anos a fio, sem que ninguém te fôsse à mão.

— Mamar é como quem diz... Também dava trabalho, fica sabendo. Os 10% que eu tinha nas urbanizações do J. Pimenta, por exemplo, não julgues que os recebia assim de mão beijada. Fartava-me de telefonar aos



amigos que tinham influência no ramo; oferecia jantaras aos patos bravos; comprava os presidentes das câmaras, os arquitectos e os fiscais para eles deixarem constituir os blocos em cima dos jardins públicos e fazer o dobro dos andares aprovados nos planos...

- Apimentavas as urbanizações, como diziam as más línguas...

- Pois apimentava e só tenho pena de não continuar com o negócio, que além de rendoso não prejudicava ninguém; antes pelo contrário.

- Era tudo a bem da nação, está-se mesmo a ver...

- Pois era! Lucrava o construtor que fazia o dobro dos prédios sem gastar mais no terreno; lucravam os tipos das câmaras que, em vez de Toyotas, passavam a andar de Porches e Mercedes; e lucrava eu a minha justa percentagem, paga em dinheiro ou em andares com a chave na mão... E às vezes até o povo lucrava, é preciso que se veja.

- O povo?!... Esse é que me custa um bocado a engolir, ó Tomaz.

- Lucrava sim senhor! Se a coisa era muito escandalosa, o construtor, para acabar com o falatório, oferecia um barraco à população, a que chamava pavilhão gimno-desportivo, e ficava tudo satisfeito.

- Sabia-la toda, meu sacana...

- Mas o essencial foi guardar o cacau em

lugar seguro, quando não estava como tu, na pindaíba... Nos bancos de Lisboa só tinha uns trocos para disfarçar...

- Aí é que eu falhei! Pouco ou muito que fosse, deixei-o lá todo e agora ando autenticamente com as calças na mão.

- Mas a princípio ainda te mandaram de lá algumas massas, não mandaram?

- Recebi um par de contos pelo natal, escondidos num bolo rei, que bem jeito me fizeram... E pela Páscoa estava à espera de outra bolada, dentro de um pão-de-ló, mas os sacanas da alfândega de Lisboa toparam o golpe e lá se foi o bago... Ando com um azar lixado desde Abril para cá...

- Porque é que não vais ter com o Carlos Lacerda? É menino para te arranjar um tacho lá nos jornais dele.

- Já pensei nisso, mas depois das aleivias que ele disse acerca do «Depoimento», achei que era indigno da minha parte ir pedir batatinhas a semelhante alarve. Era humilhante...

- Também não exageres. Afinal o tipo disse que o livro era uma merda, que só te comprometia e que estava mal escrito; o que não é mentira nenhuma... Mas a estas horas já deve ter mudado de opinião... Sabes como é o cabrão do Lacerda.

- Pois sei, mas mesmo assim não arrisco. Farto de desconsiderações ando eu desde

que saí do Quartel do Carmo...

- Podias também tentar gajos da C.I.A. Tínhamos óptimas relações com eles.

- Já tentei, mas só há lugares para guarda-costas e eu para isso já não sirvo, fanado como ando... Tomara eu quem me guardasse as minhas, olha que porra...

- Não desanimes, ó Marcelo. Pode ser que as eleições endireitem aquilo e a gente volte ao poleiro... Não há-de ser fácil, mas também não é impossível...

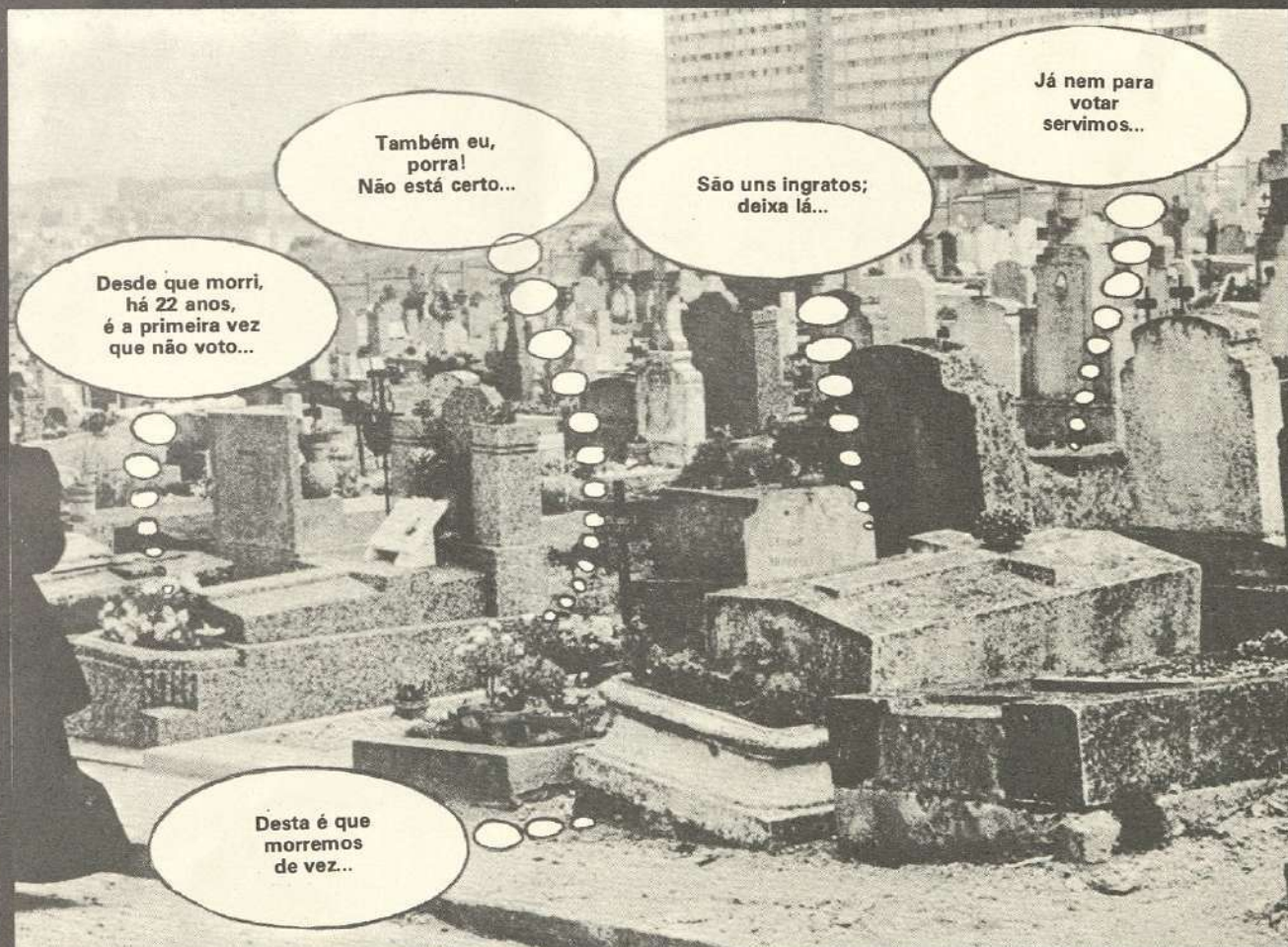
- Hum... Se o PDC e o MRPP concorressem e pegassem à trolha, ainda podíamos ter esperanças; assim a coisa não vai lá...

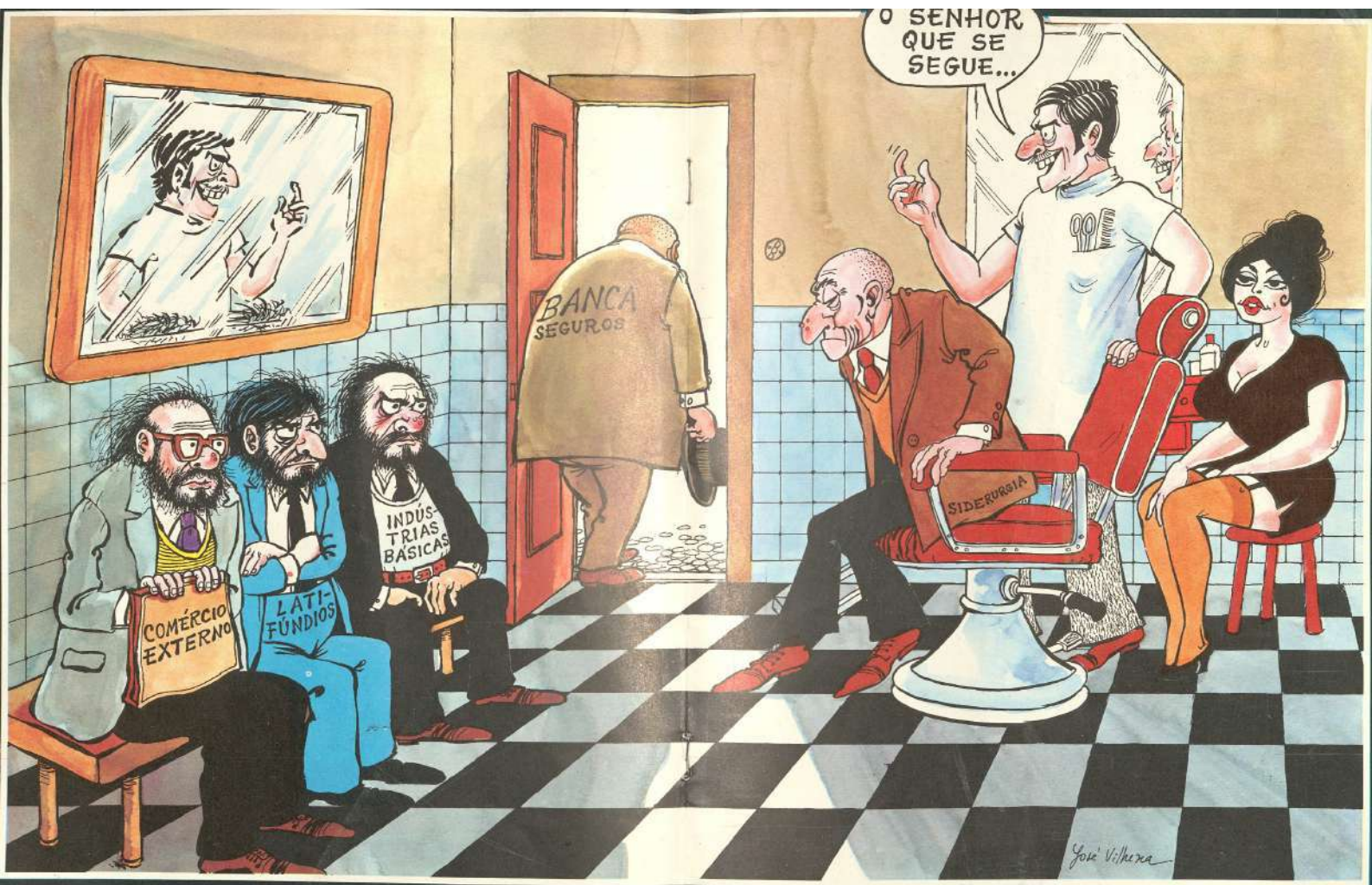
- Ninguém conhece os imprescrutáveis desígnios da Providência, mas olha que a minha Gertrudes está muito confiante e até anda a fazer uma novena ao santo Padre Cruz para que ganhe a FEC.

- A FEC?!... A FEC(M-L)?... Mas que raio de ideia!...

- Eu também achei estranho... mas ela garante que só a FEC é que nos salva» e a Gertrudes não costuma enganar-se; sempre teve um faro especial para a política.

- Deus a oiça, que isto realmente assim não pode continuar ou acabo a engraxar sapatos ou a vender perservativos e sabonetes em Copacabana... Viver do trabalho honesto num país fascista como o Brasil não interessa nem ao Menino Jesus...





José Vilhena



BARBEARIA DO POVO

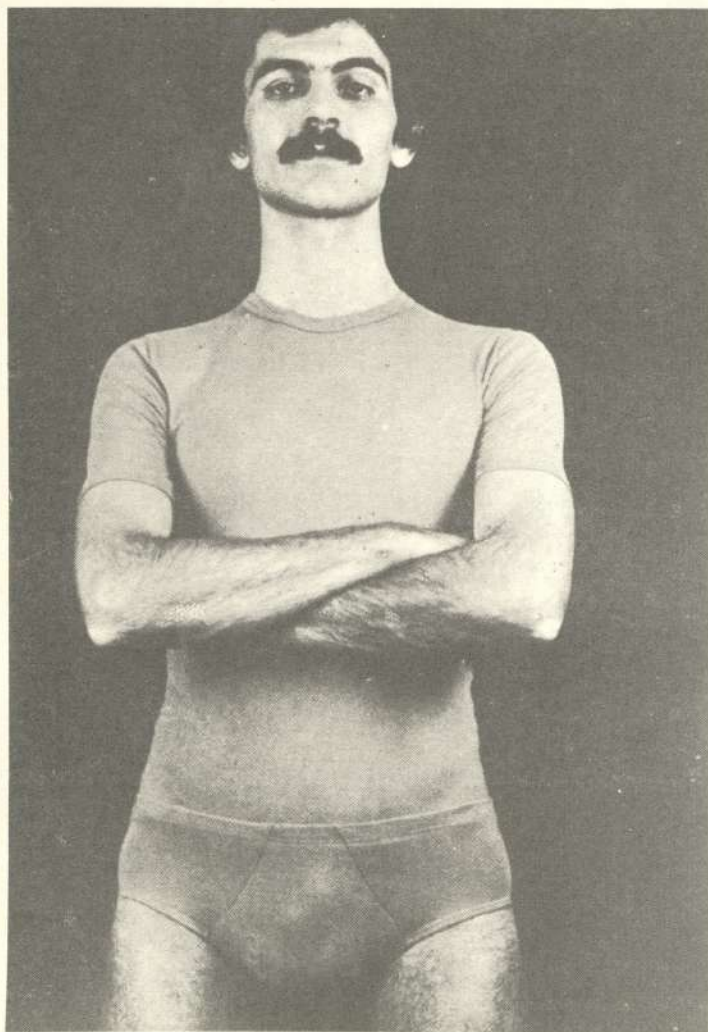
NÃO AO HOMEM OBJECTO!

LUTEMOS PELA IGUALDADE SEXUAL

Não escondemos a simpatia que em tempos tivemos pelos movimentos emancipalistas e libertadores das mulheres e pela vigorosa e corajosa acção que vinham desempenhando em prol das nossas esposas, irmãs e camaradas.

Que a mulher, durante séculos e milénios, foi uma permanente vítima da prepotência machista, não temos qualquer dúvida. Que o seu papel na história da civilização — salvo algumas excepções que só confirmam a regra — foi um papel de segundo plano, também não contestámos, pois o homem sempre tendeu a alambazar-se com os lugares de mando e a impôr despoticamente a sua vontade... Sem dar cúnfia, portanto, às delicadas companheiras que lhe suavizavam a passagem por este mundo de Cristo, compensando-o das agruras quotidianas, remendando-lhe as peúgas, fritando-lhe as bifalhadas e abrindo-lhe as pernas com terna solicitude.

Aliás, neste abrir de pernas é que residia o principal busilis da desigualdade entre os sexos, pois a natureza — insensível



Homem-objecto,
prestes a ser utilizado como tal



como é a questões de justiça — deixou a mulher à mercê dum cruel e inútil fatalismo biológico que a sujeitava à gravidez em troca duns momentos de gozo físico. E dizemos inútil porque a procriação se podia facilmente resolver doutras formas; por exemplo através dum simples ovo, como acontece com as galinhas ou as peruas.

A situação porem era essa e o tal fatalismo biológico lixava-a bem lixada, quando cedia às fraquezas da carne sem tomar precauções... enquanto que o homem permanecia impune, satisfeito da vida e sem que lhe inchasse a barriga por mais que fornecasse. Sujeitando-se, quando muito, a apanhar uma blenorragia ou a ter que pagar uma indemnização à ofendida, se esta era menor e punha a questão no tribunal. Consequências de somenos importância, como se depreende.

A esta fatalidade orgânica se deve pois a dependência social da mulher e a sua inferior condição, bem como todo um passado de vítima espoliada, privada de direitos e liberdades fundamentais e condenada a gemer sob o peso da macho, em sentido directo ou figurado.

Por estas e por outras é que sempre olhamos com respeito e agrado a acção desenvolvida pelos movimentos emancipalistas, para que a mulher tivesse um dia o seu lugar ao sol e só se metesse debaixo do homem por sua livre e espontânea vontade ou quando o corpinho lho pedisse. (Podendo, aliás, se assim lhe apetecesse, alternar, mudar de posição e ficar por cima, o que também é excelente prática, como se sabe).

Nestas coisas, somos muito liberais e prontos a reconhecer todos os direitos... apesar da injustiça e incompreensão com que fomos tratados pelo M.L.M. (Movimento de Libertação da Mulher), que queimou livros e publicações da nossa autoria no discutido auto-de-fé anti-machista de há uns meses atrás... Mas enfim, não exageremos a importância do facto, pois, nesses momentos de euforia e exaltação, é frequente cometerem-se actos menos ponderados ou baseados em deficiente informação... E como, em todo o caso, os livrinhos foram comprados — concorrendo portanto o M.L.M. para ajudar a viver este vosso criado — o melhor é esquecermos o incidente, passando-lhe uma esponja por cima, ficarmos todos amigos como dantes e não se falar mais no assunto.



E alguns homens há, como o Lopes da gravura, que, além de objectos, são abjectos...

Há no entanto um outro assunto em que é necessário falar porque isto da libertação da mulher tem de facto um grande *mas*. Ou senão vejamos:

Até há uns anos a situação da mulher era de facto a que atrás referimos, condicionada pelo fatalismo biológico que desequilibrava a balança nitidamente em seu prejuízo.

Hoje, porém, as coisas alteraram-se por completo e a balança está outra vez tragicamente desequilibrada; mas desta vez contra o homem, que, de incontestado dominador, passou a dominado e a indefeizo juguete nas mãos da mulher, desde que as drageias anti-conceptivas chegaram ao mercado, transformadas em produto normal de consumo.

Aparentemente, o advento da pílula trazia como consequência o equilíbrio nas relações afectivas entre os dois sexos. Mas só aparentemente, pois, de facto, as nossas irmãs e companheiras estão hoje na mó de cima e em condições de mandar vir, como jamais acontecera na história da humanidade.

Se, dantes, o terrível risco de engravidar e andar de barriga inchada durante nove meses ditava a inferioridade da condição feminina, agora, segura da sua impunidade, a mulher, não só pode, nas calmas, abrir permissivamente as pernas a quem lhe der na gana, como se ri do homem que, coitado, continua obrigado a puxar pelo canastro no acto do amor... pois infelizmente a sua participação exige algo mais do que ideias arejadas e permissividade. Exige tusa, para sermos claros.

Enquanto que, à mulher, basta afastar as niveas coxas, com reduzido esforço muscular, para que a faena se inicie, o pobre do homem — cansado de esfolar física ou intelectualmente, dominado pelo stress e pela competição — é obrigado a atacar de arma em riste — duro, perfurante, acutilante... e sem qualquer hipótese de substituir essa rijeza física por explicações derivativas, truques oratórios e outras manobras no género. Com moleza e sem a consistência devida, a coisa não pode de facto ir ao sítio, pois, neste negócio, e falando um pouco linguagem de economista, ou o macho é solvente ou insolvente, ou tem para dar ou não tem. O que na prática equivale a dizer: ou é macho ou não é.

Quebrada desta forma a anterior relação de forças, torna-se necessário destruir velhas ideias, que ainda existem em mentes pouco esclarecidas, e desmitificar a imagem da mulher escravizada ao despotismo machista, que é coisa que já não existe.

Para nós, a verdade nua e crua é a mulher já estar mais que libertada e, se neste momento há entre os bipedes algum ser que seja necessário libertar e descolonizar, esse ser é o homem, pois acabam de amarrar-lhe às pernas as pesadas grilhetas da exploração sexual... E sendo o sexo, como se sabe, a força motriz e

dinamizadora da espécie humana e da civilização, não tarda nada que à exploração sexual se associem a social e a económica, com todo o cortejo de desigualdades e discriminações que sempre as acompanham.

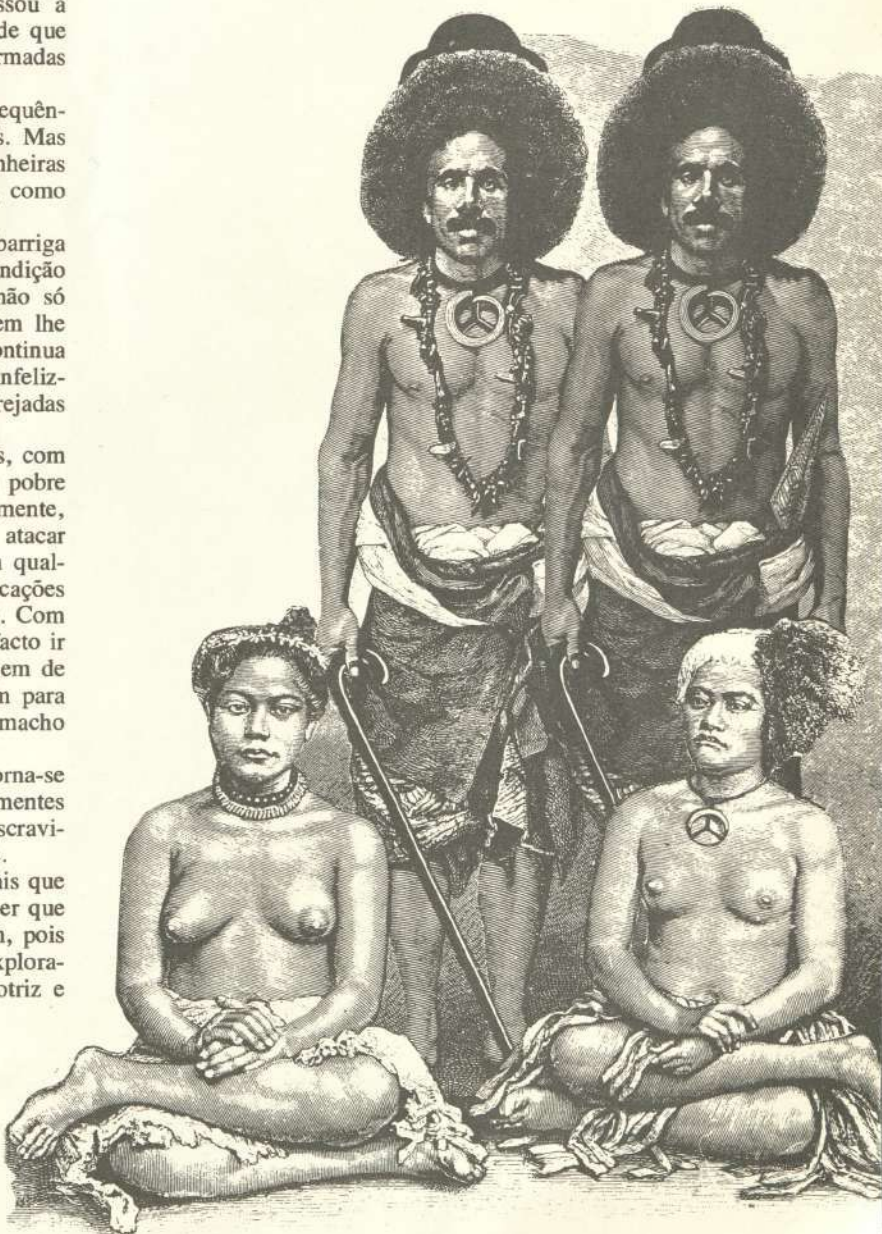
E uma coisa é certa, ou não estivesse a história cheia desses exemplos: de agora em diante, a mulher — que tudo recebe sem correr riscos e sem ser obrigada a dar nada em troca — vai passar a exigir cada vez mais do homem, numa inexorável escalada capitalista. Explorando-o na sua capacidade sexual, servindo-se dele somente enquanto produz e forçando-o a dar o máximo do seu esforço, sem lhe oferecer nenhuma contrapartida.

Ora, é preciso impedir que tal aconteça. Não deixemos que o homem, já tão explorado pelo semelhante, tão enganado pelos políticos⁽¹⁾, tão sobrecarregado de tarefas pesadas (e com uma esperança de vida muito menor que a da mulher), venha a tornar-se, ainda por cima, um **HOMEM-OBJECTO**...

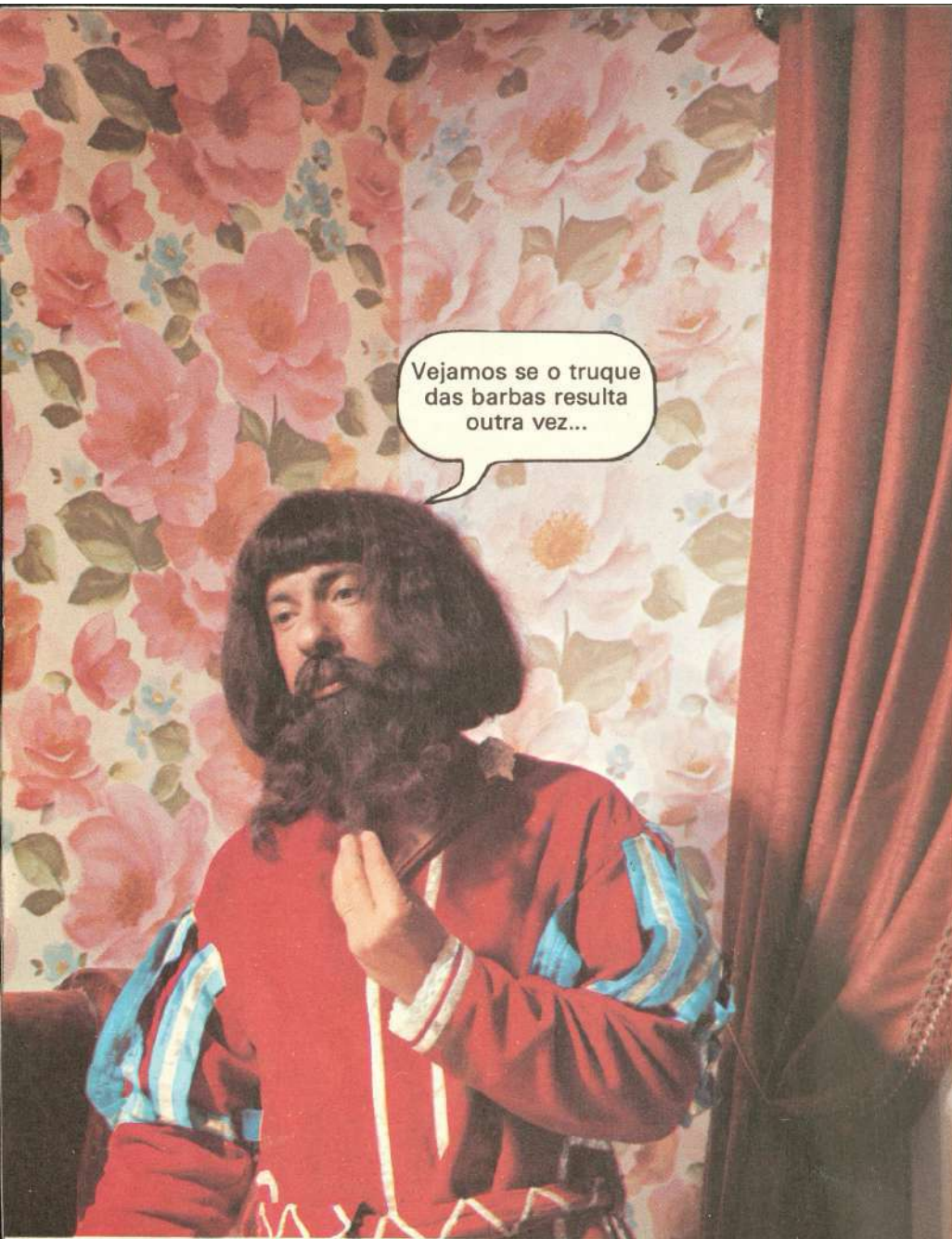
Digamos não à exploração do homem pela mulher! Liberemos o homem deste processo alienatório! Lutemos pela igualdade sexual efectiva, e não de fachada, como primeira fase da unificação sexual em todos os seus domínios!

E não esqueçamos: o caminho para a uni-sexualidade biológica passa pela política e pelas suas opções imediatas.

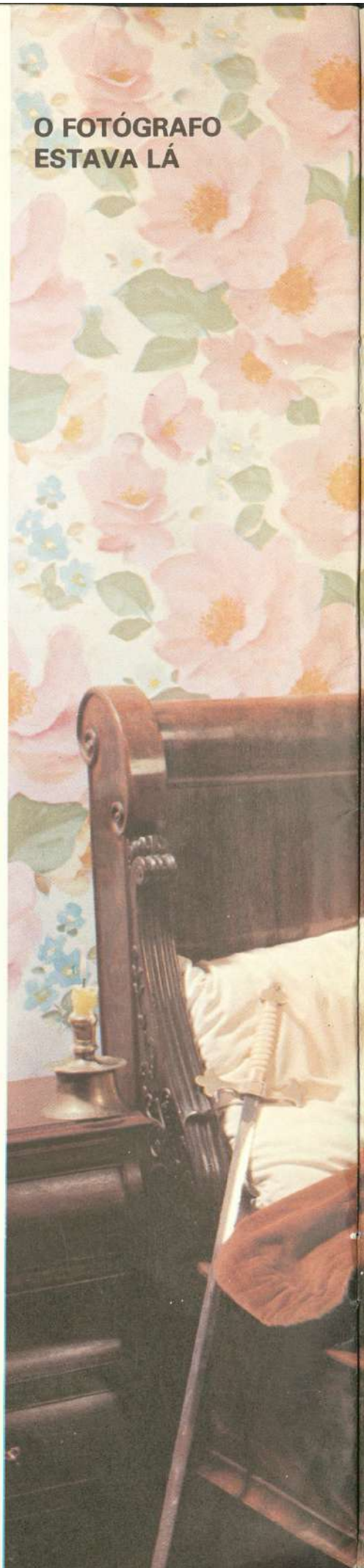
(1) — Só por alguns, claro. Nada de generalizações apressadas, quando não começam a badalar que a **GAIOLA ABERTA** é contra os partidos...



A inferior condição masculina bem patente nesta imagem: enquanto a mulher descança, nas calmas, o pobre do homem, de pé, aguarda em silêncio o desencadear do processo alienatório.



Vejamos se o truque das barbas resulta outra vez...



O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ

VIGARISTAS CÉLEBRES

UM EXPLORADOR DO POVO QUE PAGAVA COM AS BARBAS OS SEUS GASTOS SUMPTUÁRIOS

Filho duma das grandes famílias do Reino, chamava-se D. João de Castro, viveu no século XVI e andou por África e pela Índia, onde adquiriu hábitos imperialistas, vivendo à custa dos trabalhadores indígenas e abusando continuamente da sua posição, sem escrúpulos nem hesitações.

Cronistas e biógrafos de meia-tijela e formação reaccionária, tentaram, através dos tempos, impingir-nos versões triunfalistas da vida deste aristocrata explorador do povo, tecendo grandes elogios à sua honradez, quando (imaginem...) o tipo se lembrou de «pagar com alguns cabelos da barba» um empréstimo de trinta mil maravedis que pedira à Câmara de Goa e gastara em proveito próprio. Entre este golpe e o do vigésimo premiado, o diabo que escolha...

Pois o caso das barbas de D. João de Castro fez carreira e não há enciclopédia, manual de

história pátria ou selecta literária que não o refira em termos altamente abonatórios. O que bem documenta o racismo dos respectivos autores que, para exaltarem o seu compatriota, não hesitam em fazer passar os indígenas por completos alarves e a flagrante vigarice por um acto de indefectível honradez...

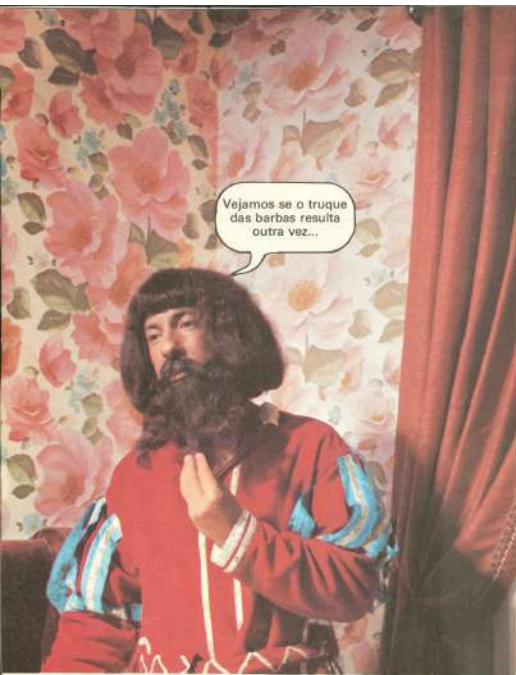
Regressado à pátria, também por cá tentou usar o seu processo de ludibriar o semelhante... mas a malta andava já de olho nele e não ia assim com duas tretas.

Como aliás não foi a Fernanda, que lhe fez um grande manguito quando D. João de Castro tentou pagar-lhe com as barbas uns momentos bem passados numa casa de passe da Rua da Barroca.

Felizmente porem (e para que não morressemos enganados) O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ e bateu as chapas necessárias e suficientes para que a verdade venha ao de cima.



Dá cá mas é os 500 da ordem, pá, e deixa-te de golpes!



Vejamos se o truque das barbas resulta outra vez...

VIGARISTAS CÉLEBRES

UM EXPLORADOR DO POVO QUE PAGAVA COM AS BARBAS OS SEUS GASTOS SUMPTUÁRIOS

Filho duma das grandes famílias do Reino, chamava-se D. João de Castro, viveu no século XVI e andou por África e pela Índia, onde adquiriu hábitos imperialistas, vivendo à custa dos trabalhadores indígenas e abusando continuamente da sua posição, sem escrúpulos nem hesitações.

Cronistas e biógrafos de meia-tijela e formação racionalista, tentaram, através dos tempos, impingir-nos versões triunfalistas da vida deste aristocrata explorador do povo, tendo grandes elogios à sua honradez, quando cando grandes elogios à sua honradez, quando alguns cabelos da barba um empréstimo de trinta mil mirrevedis que pedira à Câmara de Goa e gastara em proveito próprio. Entre este golpe e o do vigésimo premiado, o diabo que escolha...

Foi o caso das barbas de D. João de Castro fez carreira e não há enciclopédia, manual de

história pátria ou selecta literária que não o refira em termos altamente abonatórios. O que bem documenta o racismo dos respectivos autores que, para exaltarem o seu compatriota, não hesitam em fazer passar os indígenas por completos alveres e a flagrante vigarices por um acto de indefectível honradez.

Regressado à pátria, também por cá tentou usar o seu processo de ludibriar o semelhante... mas a malta andava já de olho nele e não ia assim com duas tretas.

Como aliás não foi a Fernanda, que lhe fez um grande manguito quando D. João de Castro tentou pagar-lhe com as barbas uns momentos bem passados numa casa de passe da Rua da Barroca.

Felizmente porém (e para que não nos enganemos) O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ e baniu as chapas necessárias e suficientes para que a verdade venha ao de cima.

O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ



Dá cá mas é os 500 da ordem, pá, e deixa-te de golpes!



O espectáculo oferecido pelo trottoir na Rua Conde Redondo chega já a estes extremos. De notar que o soutien não faz parte da indumentária da desavergonhada; desenhámo-lo nós, a tinta da china, em atenção à pessoa do leitor.

CONSULTÓRIO MÉDICO

Se o uso da pílula anti-conceptiva provoca perturbações no seu organismo, cara leitora, o remédio é deixar de a tomar. Em vez da pílula, sirva todas as noites ao seu marido, misturada no jantar, uma dose cavalariça de soporífero. Dá óptimo resultado.

A LIBERTINAGEM A DEVASSIDÃO, A IMORALIDADE E A POUCA VERGONHA PROLIFERAM NA GRANDE-LISBOA

Começa de facto a tornar-se preocupante o aligeiramento dos costumes nesta cidade de Lisboa, tradicionalmente conhecida pela sua modéstia e pelo exemplar comportamento dos seus habitantes.

Não queremos dizer com isto que o mal seja de agora, relacionado com as liberdades recentemente conquistadas, pois essa nefasta tendência já se vinha manifestando durante a vigência do III Plano de Fomento. A chegada da Primavera e o sol radioso que tem feito desde o Pacto dos Partidos, vieram porém acelerar o processo, a pontos de ser hoje perigoso, para as pessoas de princípios e boa formação moral, sair à rua ou circular pelas estradas da periferia, pois tudo pode acontecer-lhes.

Aliás não é preciso ir mais longe. Aqui, em plena Rua Conde Redondo (onde, como sabéis, a GAIOLA ABERTA tem a sua sede social) o espectáculo do trottoir nocturno é pródigo em cenas eventualmente chocantes, facto que, inclusivé, nos prejudica o trabalho, provoca atrasos nas saídas da revista... e faz com que alguns dos nossos colaboradores — até aí, probos e honestos chefes de família — regressem ao lar tarde e a más horas, encham de porrada a mulher e comecem a meter vales à caixa a partir do dia 10... Chatices que não aproveitam a ninguém.

Esta dissolução dos costumes estende-se evidentemente a outros pontos da cidade e é visível também nos arredores e nas principais vias de acesso a Lisboa; como por exemplo no Parque de Monsanto ou na estrada de Sintra, onde uma gang de jovens desavergonhadas se serve dos meios mais agressivos e provocatórios para exigir boleias e influir na vontade dos automobilistas. Nem sempre suficientemente forte, diga-se, para repelir essas imagens traumatizantes... E em Cascais e nos Estoris a bagunça também é à balda, segundo informações dignas de crédito chagadas à nossa Redacção.

Se não são tomadas medidas urgentes para pôr termo a semelhante barbuda, passando as devassidões e pouca-vergonhas a fazer-se recatadamente, a moralidade tem os dias contados entre nós e não haverá constituição, código penal ou puritanismo militante que lhe valha.

É bom não esquecermos o que, in illo Tempore, aconteceu com o Império Romano, arrastado para a sargeta pela onda de libertinagem e licenciosidade que grassou no seu seio.



Em frente ao Oxford, montada num belo motociclo, esta jovem de Cascais não teme o arrefecimento nocturno nem a polícia de costumes...

Auto-stop em Monsanto: uma imagem que vai sendo rotina.



GAIOLA ABERTA

revista quinzenal de mau humor
sai nos dias 1 e 15 de cada mês

Director, editor e proprietário: JOSÉ VILHENA

Redacção e administração:
Rua Conde de Redondo, 53, 1.º Esq. - Lisboa 1



16

25 de Abril de 1975
15\$00

Distribuição:
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
LISBOA - R. Saraiva de Carvalho, 207
PORTO - R. D. de Loulé, 42 - Telef. 02/3 0794
COIMBRA - R. Adelina Veiga, 49, 1.º fr.
Telef. 0039/288 07
LUANDA - R. Luciano Cordeiro, 26
C. P. 3 223 - Telef. 26512
LOURENÇO MARQUES - Av. Dr. Manuel de
Arriaga, Prédio Negrão, 2.º andar, n.º 7
C. P. 1748 - Telef. 92346

Composição e Impressão:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, SARL

A TRAIÇÃO DO TIO MARTINHO

DRAMA SUB-REGIONAL Por BERNARDES SARRACENO

IV EPISÓDIO

Elucidado pela conversa que tivera com a tia Rosa, Eduardo resolveu aproveitar-se da situação e, para começar, não apareceu de manhã no emprego.

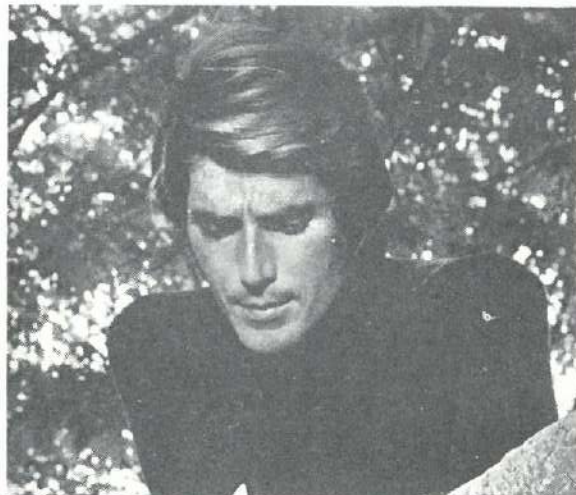
Depois do almoço, entrou na farmácia nas calmas, nem se dignou olhar para a D. Amélia, que tomara o seu lugar ao balcão, e foi direito ao quintal à procura do Silva que, como de costume, ferrava o galho à sombra dum castanheiro.

Chateado com interrupção, o farmacêutico ainda tentou furtar-se à conversa, mas o Eduardo não ce-deu...



Qu o sr. Silva me aumenta o ordenado ou piro-me. Quero 13.º mês, férias pagas, redução do horário, subsídio para almoço...

E a farmácia em teu nome, não?



Dessa não me tinha lembrado, mas parece-me boa ideia... Vou falar à gorducha da Amélia...



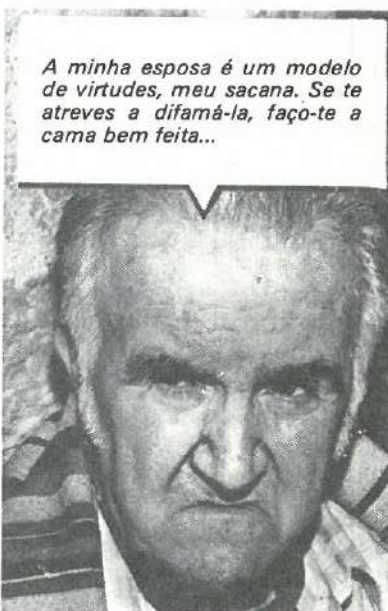
Vê lá como falas da patroa, meu estupor!...



Magra é que aquela baleia não é, porra!...

Já não há respeito, nem gratidão, nem nada... Bem diz o sr. Prior... Anda ela a tratar-te como a um filho e é assim que lhe pagas...

Filho uma ova! O que ela quer de mim é outra coisa...



A minha esposa é um modelo de virtudes, meu sacana. Se te atreves a difamá-la, faço-te a cama bem feita...



Bem... Vá pensando no caso e amanhã falamos...

Receoso de que o Silva jogasse forte, Eduardo decidiu contemporarizar...

(Continua)

Ninguém há-de calar
a voz da classe operária!

Estou a ver
que não consigo
pô-los a cantar
todos no mesmo tom...

Junta a tua
à nossa voz!

O que é preciso
é agitar a malta.

O voto que
apetece.

Socialismo em
liberdade!

Somos a única
plataforma.

Amanhã seremos
milhões!

Avante,
camarada!

Sindicatos
verticais!

